

# Equatorial

v.12 n.23 | jul./dez. 2025  
ISSN: 2446-5674

Dossiê: “Território, desejo e erotismo: cenas da vida sexual e libidinal no contexto brasileiro”<sup>1</sup>

## Apresentação

João Elioberg da Silva Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
(PPGAS/GCS)

[elioberg.oliver@hotmail.com](mailto:elioberg.oliver@hotmail.com)

<https://orcid.org/0009-0002-6276-9774>

Wertton Luís de Pontes Matias

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(PPGAS/MN/NuSEX)

[wertton@gmail.com](mailto:wertton@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-9922-5925>

## Cartografias do desejo e erotismo no contexto brasileiro

A produção acadêmica brasileira sobre sexualidade e desejo, embora em constante diálogo com teorias queer, pós-coloniais e decoloniais internacionais, forjou uma trajetória própria e insurgente. Ela se distingue por uma antropologia feita desde o Sul global, que parte da densidade etnográfica das cenas locais — das esquinas, dos terreiros, dos aplicativos e das plataformas — para complexificar noções universalizantes sobre gênero,

---

<sup>1</sup> A capa deste dossiê tem arte de Labrojeira (@labrojeira) e o design de Illan Desing (@illandesign). Agradecemos, com muito carinho, aos artistas pela parceria e disponibilidade em somar neste trabalho.

raça e classe. Este dossiê se inscreve nessa linhagem, que não apenas aplica teorias, mas as retraduz e desestabiliza a partir de corpos e territórios marcados por assimetrias históricas específicas.

O dossiê reúne pesquisas que investigam as sexualidades a partir do entrelaçamento entre espaço, práticas e regimes afetivos e eróticos. Nosso ponto de partida é compreender o desejo como uma força produtora de sociabilidades e geografias eróticas, que tanto organiza, quanto é moldada pelos territórios — físicos, digitais e simbólicos — que percorre por onde se constitui. Ao situar experiências sexualizadas, buscamos reforçar a plasticidade social das sexualidades e ampliar a compreensão sobre como práticas sexuais integram, agenciam e transformam o cotidiano, as relações sociais e as identidades.

Ele surge como oportunidade de criar diálogos entre trabalhos que os organizadores vêm desenvolvendo e as interseções que deles emergem. Elioberg Oliveira, vinculado ao grupo de pesquisa Gênero, Corpo e Sexualidade (GCS), com interesse de pesquisa em torno de práticas sexuais em locais comerciais, desenvolveu um trabalho sobre a prática da curtição entre homens cisgêneros em processo de envelhecimento (Oliveira, 2025) e tem se debruçado sobre circuitos de pegação na cidade de Natal/RN. Wertton Matias, vinculado ao Núcleo de Estudos em Corpos, Gênero e Sexualidade (NuSEX), a partir de pesquisas sobre a Profilaxia Pré-exposição ao HIV (PrEP), tem investigado como as práticas afetivas-sexuais são transformadas através da mediação de medicamentos para prevenção do HIV.

Nas Ciências Sociais e Humanas situar experiências sexualizadas a partir do território, físico ou digital, seja de um ponto de vista epistemológico ou metodológico, tem contribuído para reafirmar a plasticidade e o caráter social das sexualidades e suas práticas. No intuito de fortalecer nossa compreensão sobre como práticas sexuais integram e agenciam o cotidiano, relações sociais e identidades, reflexões sobre as sexualidades têm possibilitado ampliar perspectivas em múltiplos campos de estudo. No interior dessas pesquisas, aquelas interessadas em contextualizar, compreender e descrever práticas e experiências a partir de categorias analíticas como desejo e erotismo tem se destacado.

Tomar o território como espaço vivido possibilita visualizar onde corpos são produzidos, se encontram e performam diferentes modos de ser e estar no mundo. Na

contemporaneidade, amplia-se a compreensão de território como algo estático e unicamente físico, assumindo também sua forma digital e plataformizada, produzindo novas formas de apreensão das tecnologias e, por consequência, outras maneiras de subjetivação. Nestor Perlongher (2008) contribuiu no movimento de observar o território como um elemento vivo que está em constante transformação, ora porque é modificado pelo sujeito, ora porque este último é modificado pelo primeiro. Inspirado em Deleuze e Guattari, Perlongher apresenta seu entendimento de território como elemento analítico por meio do conceito de “código-território”. Este, por sua vez, nos permite compreender que o território também pode ser afetivo, corporal, moral, entre muitos outros, a partir das intimidades produzidas em determinado espaço, do mesmo modo que permitido/aceito ou censurado/punido. Os trabalhos deste dossiê operacionalizam essa noção ao investigar, por exemplo, como os aplicativos de pegação codificam a interação desejante, ou como locais para sexo estabelecem regras tácitas de circulação e consumo.

Tomar o território como premissa, no entanto, não é isento de tensões. Coloca-se o desafio de evitar um determinismo espacial — onde o espaço “molda” as práticas — e, ao mesmo tempo, escapar de uma leitura pós-moderna do desejo como totalmente fluido e desterritorializado. A aposta aqui é na coprodução: como corpos desejantes incorporam, negociam e subvertem os códigos dos territórios que habitam e criam, produzindo o que podemos chamar de corpo-território (Nascimento, 2018).

Nesse sentido, as peças reunidas aqui se propõem a demarcar e evidenciar o poder do território no debate sobre desejo e erotismo. Acreditamos também que elas ajudam a responder perguntas que nortearam a criação deste dossiê: Como o território molda o desejo e como o desejo reconfigura territórios? Quais fronteiras (morais, legais, de classe, raça, idade, gênero) se tornam visíveis quando observamos práticas sexuais situadas? Em que medida espaços sexualizados (rua, aplicativos de pegação, plataformas de pornografia, locais comerciais para sexo etc.) criam cartografias de circulação?

Longe de ser um tema novo nas Ciências Sociais brasileiras, desejo e erotismo, descritas em densidade de forma relacional, têm fortalecido a compreensão de constructos culturais, nas quais se destacam formas de vivenciar as sexualidades, expressões de gêneros e sociabilidade múltiplas. A partir do desejo (e prazer), bem como do erotismo (e

pornográfico<sup>2</sup>), um legado de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros<sup>3</sup> têm produzido pesquisas que, ao se direcionar para as prostituições, as pornografias, as práticas sexuais e muitas outras expressões, evidenciam singularidades que dão substância para compreender esses fenômenos e outros que surgem a partir deles. Dessa maneira, contribuem, assim, com a inteligibilidade das práticas e dos agentes que as compõem.

Este dossiê se volta para o desejo e o erotismo com o intuito de percebê-los como produtos e produtores de relações que, mediadas por códigos, signos e valores particulares ao universo estudado, constroem assim as chamadas geografias sexuais e do desejo. Seguindo Rodrigo Parrini (2018), entendemos que a partir da *deseografia*<sup>4</sup> é possível compreender e complexificar as cenas da vida sexual e libidinal no contexto brasileiro, na qual as práticas e narrativas associadas às sexualidades são normalizadas ou transgredidas *in situ*. Assim, acrescenta-se a expertise da antropologia em visualizar a articulação do desejo em conjunto com outras dimensões sociais/culturais que não apenas o prazer/gozo, mas a dor, o poder, a hierarquia, o risco, entre outros. Nesse esforço de acesso ao íntimo e às nuances do desejo, a etnografia se afirma como método privilegiado. Os textos aqui reunidos, ao empregarem a observação participante e a imersão nas cenas que estudam, contribuem para a consolidação de uma antropologia do desejo (Barreto, Diaz-Benitez, 2022), na qual o desejo e o prazer são entendidos como técnicas de produção de emoções que complexificam comportamentos e sociabilidades.

Para além de consolidar temas já estabelecidos, algumas peças aqui reunidas sinalizam fronteiras emergentes. Chamamos a atenção dos textos que interseccionam o território digital e as sociabilidades eróticas-sexuais que emergem dele. Eles lançam olhares

---

<sup>2</sup> É sabido que existe uma discussão acerca dos limites entre a compreensão de erotismo e pornografia. Assim, nos valem do entendimento da Maria Elvira-Benitez (2009) quando evidencia que tais limites estão mais nas acusações e juízos valorativos do que propriamente na representação em si. Em outras palavras, o que é tido como erotismo ou pornografia vai depender de quem observa.

<sup>3</sup> Para citar alguns: cinemas pornô (Tertor Junior, 1989; Vale, 2000; Coelho, 2018; Vasconcelos, 2020); saunas (Santos, 2012; Barreto, 2017; Deodato, 2015); clubes de sexo (Braz, 2010); zonas de prostituição (Perlongher, 1987; Barreto, 2017b); orgias (Barreto, 2017a); pegação (Teixeira, 2003; Gaspar Neto, 2014; Oliveira, 2016; Sester, 2017); banheiro (Costa Neto, 2009; Souza, 2012).

<sup>4</sup> Deseografia é o estudo cartográfico do/no desejo. A partir da junção das palavras *deseo* e *grafia*, Rodrigo Parrini (2018) compreende a *desejografia* como um campo de estudo em que o desejo é tomado como objeto etnográfico e observado desde as suas vibrações.

sobre o impacto da internet na produção de pornografias e da prostituição, evidenciando o processo de plataformização do mercado do sexo e novas tecnologias da intimidade. Destacamos também a temática das políticas farmacológicas que, com a mediação de medicamentos, como a Profilaxia Pré-Exposição (Prep), redesenham as economias morais de risco, do cuidado e do prazer.

As peças que compõem este volume foram organizadas a partir de quatro eixos temáticos: Plataformas, economia e digitalização do sexo; dissidência erótica e práticas desviantes; cinema e visualidades do erotismo; encontros e geografias do prazer. Além de duas peças extras, sendo estas, uma resenha e uma tradução.

A primeira seção, “Plataformas, economia e digitalização do sexo”, explora a plataformização do trabalho sexual, situando-o na interseção entre economia digital, gênero e sexualidade. Os textos convergem para demonstrar como a visibilidade administrada nas redes sociais é um capital crucial, transformando o corpo e a intimidade em mercadorias digitalizadas. Conceitos como “prostituta virtual” e “plataformização e cuidado de si” são mobilizados para capturar as nuances dessa transformação, que envolve tanto novas formas de empreendedorismo e autonomia quanto a persistência e remodelação de vulnerabilidades no espaço digital.

O primeiro texto desta seção, *“Qual é o meu conteúdo? Prostituição!”: sexo, dinheiro e visibilidade entre os trabalhos sexual e digital no Instagram*, de autoria de Nayla Etlen e Michele Escoura, analisa como uma trabalhadora sexual paraense, “Beatriz”, utiliza o *Instagram* para construir reputação e visibilidade, articulando seu trabalho sexual com um trabalho digital como influenciadora. Através da observação sistemática de seus *stories* e postagens, o estudo revela como a trabalhadora sexual mobiliza estratégias narrativas e estéticas informais para exibir sua rotina familiar e profissional, desafiando o estigma da prostituição e criando uma “conexão emocional” com milhares de seguidores. A pesquisa contribui para a antropologia digital ao demonstrar como plataformas digitais são apropriadas para a construção de agência e prestígio, e como marcadores sociais de raça, gênero e classe — como a “morenidade” e a identidade paraense — são instrumentalizados como recursos de atratividade no mercado entre regiões do país. O artigo ilustra como o *Instagram* se torna um espaço de performatividade sexual e econômica, onde o desejo é comercializado através de narrativas de autenticidade, e como

a circulação entre Belém e São Paulo gera um trânsito de prestígio que valoriza tanto o trabalho sexual quanto o digital, redefinindo fronteiras entre o íntimo, o público e o comercial no contexto brasileiro.

O trabalho de Jeniffer Sales, Angelica Motta-Maués e Telma Amaral, intitulado *Plataformização e Cuidado de Si: Uma netnografia dos Intercâmbios Sexuais e Econômico em Belém do Pará*, analisa etnograficamente como a plataformização digital redefine o trabalho sexual em Belém do Pará, demonstrando que aplicativos e sites transformam-se em “esquinas virtuais” que oferecem maior controle e flexibilidade às mulheres, mas também impõem novas vulnerabilidades, como vigilância algorítmica e exigências estéticas racializadas. Através de narrativas de três mulheres, o estudo revela que as práticas de “cuidado de si” funcionam como tecnologias ambivalentes do eu, articulando agência e autopreservação com formas de autogoverno alinhadas ao mercado. Sua contribuição antropológica reside na exploração interseccional de como raça, classe e gênero estruturam acessibilidade e valor no ambiente digital, enquanto etnograficamente documenta as redes de apoio e as complexas negociações afetivo-econômicas. O trabalho expande a noção de território para o digital, mostra como padrões hegemônicos de desejo são comercializados *online* e oferece um retrato situado das dinâmicas libidinais no contexto das desigualdades brasileiras.

O trabalho de Léo da Silva, *“Eu sou uma prostituta virtual”: intimidade, empreendedorismo e emoções na pornografia plataformizada*, analisa a pornografia *online* como fenômeno marcado pela plataformização do trabalho, mostrando como mulheres trans utilizam esses dispositivos para driblar a exclusão do mercado formal. A pesquisa combina entrevistas em profundidade e perambulações etnográficas em ambientes digitais, trazendo contribuições às reflexões acerca dos métodos antropológicos em ambiente virtual. Ao explorar a economia da intimidade, evidencia como desejo, afeto e conexão tornam-se mercadorias, revelando como o empreendedorismo pornográfico se articula ao neoliberalismo, à precarização e à construção do “corpo-empresa”. O estudo também evidencia as dimensões emocionais do trabalho sexual, como medo, insegurança, estigma e humilhação. Além disso, aprofunda a discussão sobre transgeneridade e mercados sexuais digitais, ainda pouco explorados na antropologia brasileira. Por fim, contribui criticamente ao mostrar como violência, reconhecimento e agência são negociados em contextos de marginalização.

A segunda seção, “Dissidência erótica e práticas desviantes”, desloca o foco das estruturas de mercado para as subjetividades e práticas íntimas que resistem à normatividade. Se os artigos anteriores examinam como o desejo é monetizado e gerenciado no digital, esta seção investiga como ele é vivido, experienciado e politizado em corpos e relações que habitam as margens do aceitável. O núcleo aqui é a dissidência. Os textos não tratam simplesmente de “alternativas” sexuais, mas de modos de vida que criam atrito consciente contra um sistema normativo triplamente articulado: a monogamia compulsória, a heterossexualidade como regime e um erotismo domesticado e comercial.

O trabalho, *O desconforto de ser não monogâmico: como é habitar fora da norma*, de Mariana Fernandes, propõe analisar como pessoas que transitam da monogamia para a não monogamia experienciam o desconforto ao saírem da norma relacional e emocional socialmente estabelecida. Através das trajetórias de Artur e Andréia, ambos negros, bissexuais e universitários, o estudo revela como a monogamia funciona como um *script* heteronormativo que regula não só comportamentos, mas também emoções legítimas — como a crença de que amar romanticamente implica perda de interesse por outros. A pesquisa contribui para a antropologia das emoções ao aplicar a perspectiva de Sarah Ahmed, demonstrando como o desconforto sinaliza a consciência da norma e como as emoções circulam e “grudam” aos corpos que habitam espaços não normativos. O trabalho ilustra como o território emocional e relacional é desafiado e reconfigurado pela não monogamia, expondo como o desejo é policiado por normas de gênero (com mulheres julgadas como “safadas” e homens tolerados) e como a experiência do erotismo se desloca para uma esfera de negociação íntima e micropolítica, tensionando as estruturas afetivas hegemônicas no contexto brasileiro.

A peça de Julia Almeida e Emanuel Vieira, *Erotismos dissidentes: O BDSM e as interfaces com a Psicologia*, investiga a patologização histórica de práticas associadas à chamada cultura BDSM (*Bondage*, *Disciplina*, *Dominação*, *Submissão*, *Sadismo* e *Masoquismo*) pelos saberes psiquiátricos e psicológicos, destacando sua estigmatização como prática dissidente. A partir de uma revisão bibliográfica, que serve como base para uma pesquisa qualitativa exploratória em andamento, os autores examinam o papel desses discursos na construção e manutenção de preconceitos contra adeptos do BDSM, destacando suas repercussões contemporâneas no fazer psicológico. Em contraponto, explora a organização comunitária do BDSM, baseada em consentimento, segurança e cuidado

mútuo, seguindo princípios como São, Seguro e Consensual (SSC) e Risk-Aware Consensual Kink<sup>5</sup> (RACK). Defende, por fim, uma prática psicológica informada e acolhedora, que reconheça o BDSM como expressão legítima da sexualidade, distante de patologizações estigmatizantes.

Em *Corpos que dançam nas ruas e encarnam desejos: o ‘passinho dos maloka’ na ordem do erotismo*, Danilo Meireles, Toni Carneiro e Daniel Meirinho contribuem para a antropologia ao analisar, através de uma netnografia do “passinho dos maloka”, como corpos periféricos constroem territórios simbólicos e midiáticos a partir da dança, articulando erotismo, gênero e resistência cultural. A pesquisa, desenvolvida no Instagram, demonstra como a performance corporal ressignifica o espaço público, criando uma “masculinidade alternativa” que subverte normas hegemônicas através da intimidade física entre homens e da incorporação de gestos feminilizados. Ao mesmo tempo, revela a dupla dinâmica dessas práticas: enquanto atos de insurgência cultural, são imediatamente cooptadas e comercializadas como capital erótico-sexual nas plataformas digitais. O estudo dialoga com discussões sobre corporalidade, diáspora negra e colonialidade, oferecendo uma análise etnográfica fundamentada sobre como jovens racializados negociam desejo, visibilidade e poder no contexto da cultura digital periférica brasileira.

A terceira seção, “Cinema e visualidades do erotismo”, oferece a dimensão representacional e histórica que complementa as análises etnográficas e contemporâneas das outras seções. Enquanto os temas anteriores falam de práticas sociais no presente (no digital, nas ruas, nas relações), esta seção volta no tempo para investigar como essas práticas e desejos foram filtrados e criados na cultura. É o elo entre o social e o simbólico. Esta seção estabelece um diálogo com todas as outras, transpondo suas questões para o plano da representação cultural/visual. Ela traduz, para a linguagem cinematográfica, inquietações caras ao dossiê: o *cruising* real torna-se narrativa ficcional; os erotismos dissidentes reaparecem como uma complexa negociação com a censura e a moralidade vigentes, revelando como o cinema foi uma arena crucial para a disputa do imaginário sexual.

---

<sup>5</sup> Fetiches Consensuais com Percepção do Risco.

*O cruising na abertura política: roteiro gay, cinema e tendências internacionais (1978-1981)*, autoria de Júlio Alvarenga e Kelyel Melo, investiga a formação de circuitos homoeróticos urbanos no Brasil durante a abertura política (1978-1981). O manuscrito demonstra como práticas como o *cruising*, locais comerciais e produtos culturais (como jornais alternativos e pornochanchadas) operaram como tecnologias sociais que reconfiguraram a intimidade, o desejo e a sociabilidade. Ao examinar a interface entre mercado, Estado e subjetividade, o estudo oferece uma análise etnográfica histórica de como comunidades dissidentes negociaram espaços de liberdade e forjaram identidades coletivas em um contexto de repressão e transição política.

O trabalho de Manuel Neto e Rodrigo Pereira, intitulado *A arte de gozar no escuro: representações morais, erotismo e costumes no cinema de Pedro Carlos Rovai (1972-1979)*, analisa três filmes do diretor Pedro Carlos Rovai — *A Viúva Virgem* (1972), *Ainda Agarro Esta Vizinha* (1974) e *O Amante Latino* (1979) — para investigar as representações morais, eróticas e sociais da pornochanchada durante a ditadura militar brasileira. O estudo demonstra como o gênero, frequentemente desprezado pela crítica, atuou como um rico dispositivo de leitura do contexto sociopolítico, negociando tensões entre liberdade sexual e controle estatal. Através da análise de estereótipos de gênero, crítica à instituição do casamento, objetificação do corpo e representação ambígua da homossexualidade, o trabalho revela a ambivalência moral da pornochanchada: ela simultaneamente desafiava e reforçava valores conservadores, servindo como expressão cultural que refletia os conflitos entre projetos liberalizantes e a política sexual repressiva do regime militar.

A quarta seção, “Encontros e geografias do prazer”, centraliza a espacialidade como categoria analítica fundamental para compreender a produção social do desejo e das sociabilidades sexuais. Partindo da premissa de que o espaço não é um mero cenário, mas um ator social dinâmico, os artigos investigam como as margens geográficas, aplicativos digitais e práticas de prevenção criam zonas de prazer, territórios materiais e simbólicos onde o sexo é negociado, o desejo se materializa e identidades são performadas. O conceito-chave é a territorialidade, entendida como o processo pelo qual grupos e indivíduos atribuem significado, exercitam controle e criam pertencimento em espaços específicos. A análise revela uma tensão produtiva: esses territórios são simultaneamente espaços de vulnerabilidade e de agência, de precariedade e de potência. Eles são frequentemente zonas de fricção, onde normas hegemônicas (de gênero, sexualidade,

classe, raça, idade etc.) são desafiadas pela circulação e pelos encontros corporais que ali ocorrem.

O artigo, *Os percursos do desejo nas margens do Rio São Francisco em Juazeiro da Bahia*, de João Varjão, é um estudo etnográfico que investiga os percursos do desejo nas margens do Rio São Francisco, em Juazeiro (BA). A pesquisa revela como esse território opera como uma “territorialidade desejante”, onde práticas sexuais, vulnerabilidade econômica e sociabilidade se entrelaçam, produzindo e transformando subjetividades. A margem é compreendida não como espaço de mera exclusão, mas como zona criativa de invenção, onde o desejo — erótico, químico ou monetário — atua como força produtiva que reconfigura o urbano. O artigo contribui para a antropologia da sexualidade ao destacar a fluidez e mutabilidade do desejo em contextos de interioridade, mostrando como os sujeitos negociam prazer, risco e precariedade. Por fim, demonstra a potência política das margens como espaços que desestabilizam normatividades e geram novas formas de vida e sociabilidade.

A peça de Matheus Avelino, Ricardo Ceccim, Lorrainy Solano e João Pessoa Júnior, *“Simplesmente tesão e só vai, sabe?”: prazer e autonomia nas práticas sexuais e acesso à prevenção pré e pós exposição*, flertando com a antropologia da saúde, investiga as práticas de prevenção ao HIV entre jovens com sexualidades dissidentes, destacando o prazer e o tesão como moduladores centrais da experiência sexual e da adoção de estratégias como a PrEP e a PEP. Através de uma pesquisa-intervenção cartográfica, o estudo problematiza a “moralização do cuidado” nos serviços de saúde, que atua reprimindo o desejo e impondo barreiras ao acesso às profilaxias. As principais contribuições incluem: evidenciar como o prazer e a busca por autonomia legitimam o sexo desprotegido e orientam escolhas preventivas; demonstrar a insuficiência do paradigma clínico centrado apenas no preservativo; e analisar as rotas de fuga e subversão criadas pelos usuários para acessar a prevenção, desafiando as violências institucionais e a hierarquização moral das práticas sexuais. O trabalho defende a (re)erotização da prevenção e a incorporação da dimensão do prazer nas políticas de saúde sexual.

*Virilidade e Temperança: sexo, desejo e moralidade entre marombeiros de rua* de Lucas Maroto Moreira, é um estudo etnográfico que analisa a construção da masculinidade entre marombeiros de rua em Salvador, Bahia. Em espaços públicos homossociais, a ausência

física de mulheres é compensada por um discurso intenso sobre sexo, performance viril e hierarquização do feminino. A masculinidade é produzida numa tensão paradoxal: entre a exibição de uma heterossexualidade predatória e a valorização da temperança, do autocontrole e da abstinência sexual como disciplinas morais para o sucesso no treino. O corpo musculoso (o "shape") funciona como capital erótico e símbolo de status, enquanto a libido e os fluidos corporais são geridos por uma economia moral do sacrifício, ligada à produção de testosterona e ao ganho muscular. A pesquisa revela como práticas esportivas em espaços públicos articulam desejo, moralidade e corporalidade, desafiando noções simplistas de virilidade.

O trabalho de Alessandra Toledo, Gabriela Alves, Raabe Bastos e Thiago Mozer, *Gentrificação do queer na territorialidade digital brasileira: dispositivos tecnopolíticos no aplicativo Grindr*, investiga a gentrificação do queer, um processo de exclusão simbólica que migra do espaço urbano para a territorialidade digital, analisando o aplicativo Grindr. O estudo demonstra como dispositivos tecnopolíticos de vigilância, controle e homogeneização operam como um diagrama que regula sociabilidades e corpos dissidentes na plataforma. O conceito é expandido a partir das reflexões de Sarah Schulman sobre o pós-AIDS, mostrando como a lógica do *remplacement* (substituição) se reconfigura no ciberespaço, promovendo a internalização da normatividade e a fragilização da solidariedade queer. A pesquisa revela como a sexualidade se torna um vetor de controle em ambientes digitais, onde a performance da dissidência é simultaneamente exibida e apagada. Por fim, o trabalho oferece uma ferramenta crítica para entender como as tecnologias digitais reproduzem e intensificam mecanismos de opressão, reterritorializando a exclusão no contexto das redes de encontro.

Na seção extra, introduzimos uma virada analítica crucial no dossiê, deslocando o foco das agências práticas e representações para as estruturas de poder, controle e violência que circunscrevem e constituem. Enquanto os temas anteriores exploram a capacidade de invenção e negociação de indivíduos e grupos, esta seção examina os mecanismos opressivos e os regimes de gestão que definem os limites do possível. A peça, *Produzindo o Estado a partir da administração "dos possíveis" de homens autores de violências domésticas*, de Pietra Azevedo, é uma resenha que percorre e analisa o livro "Homens autores de violência doméstica: gênero, governo e Estado" (2022). Em tom crítico e atento, Pietra apresenta

as proposições etnográficas propostas pelo autor do livro, e aplica uma análise interseccional aos achados etnográficos.

O artigo *Entre as violências ocorridas e as esperadas: antecipações, estratégias de evitação e outras negociações na circulação de jovens não heterossexuais em uma favela carioca*, trata-se de uma tradução de autoria do Paulo Lopes. Neste texto, o autor investiga como jovens LGBTI+ residentes de uma favela do Rio de Janeiro negociam cotidianamente a expectativa e o medo da violência homofóbica, especialmente associada a traficantes. Baseado em etnografia participante, o autor discute o conceito de “sociabilidade violenta” para compreender como a antecipação de agressões modela a circulação e a autoperformance dos sujeitos no território. As estratégias incluem evitar sinais de feminilidade (“dar pinta”) perto de pontos de drogas, controlar gestos afetivos em público e recalcular trajetos. O texto também relata um episódio em que o antropólogo e um morador se beijaram em uma festa, gerando fofocas e repreensões que revelam os mecanismos informais de controle social dentro do grupo. Conclui-se que a gestão do risco é uma prática constante, mas que as normas podem ser transgredidas, ainda que sob vigilância coletiva. A pesquisa destaca a importância da participação corporal e afetiva do etnógrafo para capturar as nuances dessas negociações entre segurança, identidade e desejo.

Assim, os textos da seção extra, funcionam como o contraponto necessário que evita uma releitura romantizada da dissidência. Eles lembram que as experiências de desejo, mercado e territorialidade analisadas nos demais eixos são vividos sob a constante sombra de violências sistemáticas, cuja administração é parte da maquinaria estatal e da ordem social.

Apresentado o dossiê, agradecemos calorosamente a todas as pesquisadoras e pesquisadores que generosamente submeteram seus trabalhos a esta proposta. A riqueza e a diversidade das investigações apresentadas, que percorrem desde as estratégias de visibilidade no mercado digital do sexo até as formas de gestão da violência de gênero pelo Estado, são fundamentais para tensionar e expandir os debates contemporâneos sobre gênero, sexualidade e sociedade. A qualidade e a sensibilidade analítica das contribuições não apenas enriquecem este volume, mas também reforçam o compromisso crítico e interdisciplinar necessário para mapear as complexas dinâmicas que constituem os campos do erotismo, do desejo e do poder em nossa atualidade.

Agradecemos, com igual reconhecimento, ao dedicado trabalho das avaliadoras e dos avaliadores que colaboraram com este dossiê. O rigor analítico, a atenção crítica e os construtivos aportes oferecidos durante o processo de revisão por pares foram indispensáveis para apurar a qualidade acadêmica e consolidar o diálogo entre os textos que compõem a coletânea. O compromisso ético e intelectual de cada um(a) foi fundamental para garantir o necessário aprofundamento das discussões e para fortalecer a coerência do projeto como um todo, assegurando que esta publicação atinja seu objetivo de contribuir de forma significativa e reflexiva para o campo de estudos.

Por fim, ao percorrer os caminhos abertos por este dossiê, fica evidente que as experiências de gênero e sexualidade não podem ser apreendidas fora de seus enraizamentos materiais, simbólicos e políticos. As pesquisas reunidas aqui não apenas cartografam um presente em ebulição, mas também nos convocam a pensar os corpos, os desejos e os afetos como terrenos de invenção social, onde se negociam, simultaneamente, formas de vida e de resistência. Mais do que concluir, este volume busca provocar novos olhares e inquietações, reafirmando a potência da análise antropológica para capturar a textura densa e contraditória desses processos. Que estas páginas possam, assim, fertilizar debates, inspirar novas investigações e ecoar como uma memória crítica do nosso tempo. Convidamos à leitura atenta e reflexiva, na esperança de que estas contribuições sigam reverberando e ampliando os horizontes do pensamento sobre gênero e sexualidade.

## Referências

BIER, Alexandre L. S. *Sobre cinemas e vídeo-locadoras pornôs, províncias de outros corpos e outros significados*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia-luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campinas, SP, 2010.

BARRETO, Victor Hugo de Souza; DÍAZ-BENÍTEZ, M. E.. *Por uma antropologia do desejo e do prazer: notas para uma cartografia libidinal do social*. Cadernos Pagu, n. 66, p. e226607, 2022. Disponível em: [scielo.br/j/cpa/a/y6bCQ9SFpmPRXyMp4ZLSf9d/abstract/?lang=pt](https://scielo.br/j/cpa/a/y6bCQ9SFpmPRXyMp4ZLSf9d/abstract/?lang=pt). Acesso em 31 de maio de 2024.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. *Festas de orgias para homens: territórios de intensidade e sociabilidade masculina*. Salvador: Editora Devires, 2017a.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. *Vamos fazer uma sacanagem gostosa?: uma etnografia da prostituição masculina carioca*. Niterói: Eduff, 2017b.

COELHO, Juliana Frota da Justa. *Somos todxs estrelas pornô?: a produção de subjetividades-vitrine no Cine Majestick (Fortaleza/CE)*. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11439>.

COSTA NETO, Francisco Sales da. *Banheiros Públicos: Os bastidores das práticas sexuais*. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *Nas redes do sexo: Bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/MariaElviraDiazBenitez.pdf>.

DEODATO, Eder da Silva. *Performance e identidade de gênero na prostituição masculina em saunas gays*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2015, Brasil.

GASPAR NETO, Verlan Valle. *Na pegação: encontros homoeróticos em Juiz de Fora*. 1.ed. Niterói: Editora da UFF, 2014, 191p.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. Diáspora africana: Editoria Filhos da África, 2018.

OLIVEIRA, João Elioberg da Silva. *Cine Vídeo Papai: uma etnografia sobre a curtição entre homens*. Orientador: Dr. Paulo Victor Leite Lopes. 2025. 134f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

OLIVEIRA, Thiago de Lima. *Engenharia erótica, arquiteturas dos prazeres: Cartografia da pegação em João Pessoa, Paraíba*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFPB, João Pessoa/PB, 2016.

PARRINI, Rodrigo. *Deseografias: Una antropología del deseo*. Cidade do México, Gráfica Premier, 2018.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008. 271 p.

SOUZA, Tedson da Silva. *Fazer o banheirão: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da Lapa e adjacências*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SESTER, Eros. *Um grito chamado silêncio: uma errância etnográfica da pegação à produção social dos parques Ibirapuera*. 2017. 1 recurso online (135 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1632917. Acesso em: 16 dez. 2025.

SANTOS, Elcio Nogueira dos. *Amores, vapores e dinheiro - masculinidades, homossexualidades nas saunas de michê em São Paulo*. 2012. 238 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

TERTO JR., Veriano. *No escurinho do cinema: sociabilidade orgiástica nas tardes cariocas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. *Territórios homoeróticos em Belo Horizonte: um estudo sobre as interações sociais nos espaços urbanos*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica – Minas Gerais, Belo Horizonte.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: Cenas de um público implícito*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012. 270 p.

VASCONCELOS, Mário Fellipe Fernandes Vieira. *Cinemão: encruzilhada de desejo e sensações*. Fortaleza, Edições: UFC, 2020. 144 p.